

# Sarney, o governo em

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Determinar, acompanhar as providências e cobrar a realização: essa deverá ser a principal característica do presidente José Sarney no aspecto político e administrativo do governo que seria de Tancredo Neves, e há 15 dias ele iniciou efetivamente. Dedicção total ao trabalho, "indormido e simples", como afirmou na mensagem pelo Dia do Trabalhador, em ritmo jamais visto no Palácio do Planalto nos últimos anos, com mais de 15 despachos e audiências diariamente. Isso em caráter oficial, pois reservadamente são recebidos ainda vários parlamentares na residência do Jaburu.

Apesar do intenso ritmo de trabalho, o presidente Sarney ainda encontra tempo para se dedicar, até em função do cargo que está ocupando, a uma das atividades que lhe causam mais prazer, a intelectual. As solenidades são oportunidades para exercitar seus dons de orador ou escritor — é ele quem redige todos os pronunciamentos. Coisa que não acontecia nos governos anteriores. Afinal, autoritarismo e intelectualidade são realidades conflitantes, enquanto Sarney, membro da Academia Brasileira de Letras, menciona em solenidade palaciana "o latifúndio da solidão dos homens que pensam" ou "o sentimento trágico da dúvida, que busca encontrar caminhos e soluções para a inquietação intelectual".

Sarney imprimiu novo ritmo e estilo ao governo, mesmo não tendo escolhido seus ministros e contando até agora com apenas três auxiliares em sua assessoria direta: o genro Jorge Murad, na secretaria particular para Assuntos Especiais; Marcos Vilaça, ex-secretário da Cultura do MEC na secretaria especial; e o assessor de imprensa Fernando César Mesquita, que atua

igualmente sozinho, sem precisar acionar a grande estrutura montada para a comunicação oficial nos anos de autoritarismo.

O presidente considera que a solenidade do cargo deve ser mantida, daí procurar comportar-se com certa cerimônia, evitando os momentos de descontração a que se permitia como parlamentar. A mudança de estilo decorre também das circunstâncias traumáticas da ascensão de Sarney ao poder, e da prevalência do símbolo de Tancredo Neves acima de tudo, bem como de uma situação que ele reconhece: se o falecido presidente eleito tinha o direito de falhar, ele não terá. Será cobrado tanto pelas forças políticas como pela sociedade, já que não dispõe do carisma de Tancredo Neves. Na reunião do Ministério, terça-feira, José Sarney, segundo alguns assessores, fará um importante pronunciamento político-institucional, definindo novas características de sua administração.

Sarney dispensou as solenidades de saída do Palácio por uma razão muito simples: não terá nunca hora certa de sair após o expediente, mantendo-se por isso apenas a solenidade de entrada e unicamente às terças-feiras. Apesar do hábito arraigado do autoritarismo, pouco a pouco o esquema vai mudando no Palácio, e hoje os jornalistas já não são perseguidos, podem circular com liberdade. O próprio presidente da República tem tomado a iniciativa de facilitar o trabalho dos fotógrafos e cinegrafistas, tendo reiterado que a imprensa merece facilidades para o cumprimento de sua missão. Em Uberaba, Sarney conversava com o Governador Hélio Garcia quando um agente de segurança colocou as mãos sobre a câmera, de um cinegrafista. "O que é isso? Deixa o rapaz trabalhar" — foi a intervenção do presidente Sarney.

Marcos Vilaça, amigo pessoal do

presidente e ligado ao grupo político do ministro Marco Maciel, com gosto pela articulação e as negociações políticas, foi o primeiro funcionário requisitado por Sarney, depois de Fernando César Mesquita, que já trabalhava na campanha do então candidato a vice-presidente. Vilaça fica na ante-sala do gabinete presidencial, e sobre sua mesa passam algumas questões importantes no momento, como as nomeações para os escalões intermediários da administração federal. Boa parte Sarney já decidiu, mas há problemas pendentes em São Paulo e na Bahia.

A circulação nos corredores do Palácio está agora liberada, e o grande número de funcionários do governo anterior que continuam em seus cargos procuram se adaptar aos novos tempos da liberalidade, embora o hábito os traia de vez em quando. Não foi por outra razão que a assessoria do Gabinete Civil enviou um decreto secreto ao Congresso, acostumada que estava com tal procedimento. Ainda assim, os cargos da assessoria especial do presidente estão vagos, tendo Sarney se decidido a compor um núcleo de conselheiros para as principais áreas da administração, tal como acontece nos Estados Unidos.

Sarney ocupará a partir desta semana o Palácio da Alvorada, mas terá de tirar do Jaburu apenas seus quadros, pois de resto em nada mexeu na decoração. Pretende passar os fins de semana, quando possível, em sua granja a 60 quilômetros da Capital, mas já sabe que não poderá ir dirigindo seu carro particular, como desejaria. A segurança não permite. Na granja, o presidente pode descansar com a família e dedicar-se às atividades intelectuais de que tanto gosta, além da limitação dos discursos em que pode exercitá-las, mesmo no desempenho do cargo.

tempo integral

O ESTADO DE S. PAULO — 9

## Hora de reflexão

GERALDO FORBES

Começou o governo. Ainda patina, mas dá os primeiros sinais de vida. O sr. Sarney declara suas intenções iniciais e faz, segundo ele, uma opção pelos pobres, expressão cara a esta nova Igreja muito politizada e pouco religiosa. O presidente busca obter apoios próprios. Vamos ver o que se seguirá.

Os ministros, à parte dois ou três, ainda não parecem saber bem o que pretendem. Sobressaiu o sr. Roberto Gusmão, único com hombridade para apresentar uma demissão de verdade, e melou-se o sr. Fernando Lyra, ao declarar que as greves transcorreriam sem qualquer incidente.

Ou o ex-autêntico não vê televisão e não lê jornais, ou é irmão daqueles macaquinhos que tampam olhos e ouvidos. Deveria também fechar a boca se for abri-la para dizer tais tolices, procurando se eximir de opinar, escondendo os fatos. Melhor ficar calado.

As atenções, entretanto, estão centradas no sr. Dornelles, pois é na Fazenda que se amarram os maiores e mais urgentes problemas.

Apesar da substancial queda do índice inflacionário, sua atuação inspira muitas dúvidas. Afinal, jamais se pensou nele como em um ministro de luz própria, mas apenas como o secretário executor da política a ser traçada pelo dr. Tancredo. Encontrou, para piorar, um orçamento totalmente falso e uma situação ainda mais grave do que qualquer inimigo do regime anterior poderia supor.

Deixado à solta, já cometeu o fiasco de Sulbrasil, criando um problema ainda maior porque não teve pulso para decidir o óbvio. Ora, a situação

de outros grandes brancos, um segredo de polichinel, é também muito séria. Como agrá agora. A recapitalização dessas instituições é urgente, se não quisermos ter um desastre de proporções desconhecidas. Qual será a sua força e sua decisão para impor as medidas necessárias?

Assusta também a saída do sr. Sérgio de Freitas, um dos muito poucos neste governo com alguma noção do problema da dívida externa. Resta, agora, o sr. Lemgruber que provocou deliberadamente e por razões puramente pessoais a demissão do seu ex-companheiro, como o único com uma certa experiência e vagas idéias a respeito dessa magna questão.

O sr. Sarney, confundindo emprestimo em dólar com arroz de curá, disse ingenuamente que ele próprio se encarregaria do assunto. Declaração vazia e solução tão valiosa quanto querer ser o centroavante ideal para a nossa seleção de futebol. Como o dr. Dornelles também não entende lufas do negócio, sua tendência parece ser engolir in totum o prato feito pelos credores, além de entregar a fiscalização da obra, por 15 anos, ao FMI.

O Brasil não pode hipotecar sua vida e seu futuro aos humores de um punhado de bancos, que o arrastarão entre recessão e inflação.

O mineiro propõe isto mesmo, a mexicanização da dívida, aceitando a receita de fora. Mas, se é para se omitir, por que não se demitir?

Por essas e outras, tivemos uma semana nervosa. A sucessão de greves, o temor de um incidente mais violento, a queda do diretor do Banco Central, os rumores no mercado bancário, o clima estava esquisito, embora a ótima notícia da queda da inflação.

O momento é realmente grave. Apesar de tudo, podemos perfeitamente superá-lo. Basta querer e agir. Podemos também pôr tudo a perder e caminhar no rumo do caos, como em 1963. É, sobretudo, preciso muita cautela e responsabilidade.

Todos têm um papel a desempenhar e tem-se de fazê-lo conscientemente, sempre levando em conta a hora que vivemos.

Os últimos dias nos assustaram porque o comportamento de muitos evidenciava justamente o contrário — irresponsabilidade, aventureirismo e indecisão, ingredientes essenciais da desordem e do retrocesso.

O sr. Lula, mais interessado em fazer campanha a favor de si próprio e do PT, vociferava suas confusas idéias e buscava um confronto, convicto da proverbial apatia do governo Montoro.

Os empresários, por seu lado, alimentavam-no com sua intransigência e má fé nas negociações.

Os rentilentes vão acabar, como várias empresas já fizeram e porque podem, concedendo a maior parte do que é pedido pelos metalúrgicos. Então por que não avançar nas negociações e insistir em prolongar esse conflito que traz tanto prejuízo à Nação?

O presidente do Banco Central, em vez de se ocupar com coisas úteis, dedicou seu tempo a escantear um colega da diretoria; o sr. Dornelles aproveitou e usou o fato para tirotear no ministro Setúbal; os banquetes, classe mais desunida, na ressaca da demissão do sr. Freitas, dedicaram-se a fazer mútuas acusações nos bastidores da severíssima crise que os atinge.

Ora, ou todo o sistema bancário se compenetra de seu papel, adota as providências indispensáveis da capitalização e pára com sua guerrilha interna, ou ainda ruirá como um castelo de cartas. Os maiores e mais sólidos têm de ajudar os outros. Não estão fazendo isto, alegres com seu crescimento individual e com a desgraça dos outros. Esquecem-se que ao oligopólio nefasto se seguirá fatalmente a estatização.

Os líderes políticos ajudaram a fermentar a massa, preparando-se para escamotear as promessas de prontas eleições diretas nas capitais. Só querem saber dos empregos e escalões, do segundo ao quinto. Constituinte, então, já era. Vão deixar para 86, quando os Agnaldos em que o Congresso abunda farão, a seu ver, uma extraordinária Constituição.

Enfim, se o País está hoje como um debado equilibrista, cai não cai, vai não vai, a culpa é dos egoístas que põem suas conveniências pessoais na frente de tudo, esquecidos de lições do passado. Sindicalistas que extrape-dem, industriais que dependem; ministros que não se demitem, autoridades que se omitem, banquetes no débito, políticos sem crédito, precisam todos se emendar ou serem trazidos à linha.

Na embriaguez da liberdade, nós não podemos deixar que o esquerdismo infantil de uns, o ditetismo reacionário de outros e o negociatismo e o carterismo de muitos nos levem de volta à casa da mãe Joana dos idos de 63.

Os povos que não aprendem com a História estão condenados a repetir o mesmo erro. Reflitam todos e lembrem-se do enredo de um filme já visto.

Estabilidade e seriedade, lei e governo devem ser as palavras de ordem. Ajuntemos a elas a substância da ação.

Vamos lá, dr. Sarney.